

Patrimônio Cultural de Pernambuco

Igreja do Divino Espírito Santo

Os habitantes do velho Recife, até a segunda década do século em curso, recordam-se de um dos serviços mais pitorescos e, por que não dizer, coloridos, em uso na cidade: O Telégrafo Ótico.

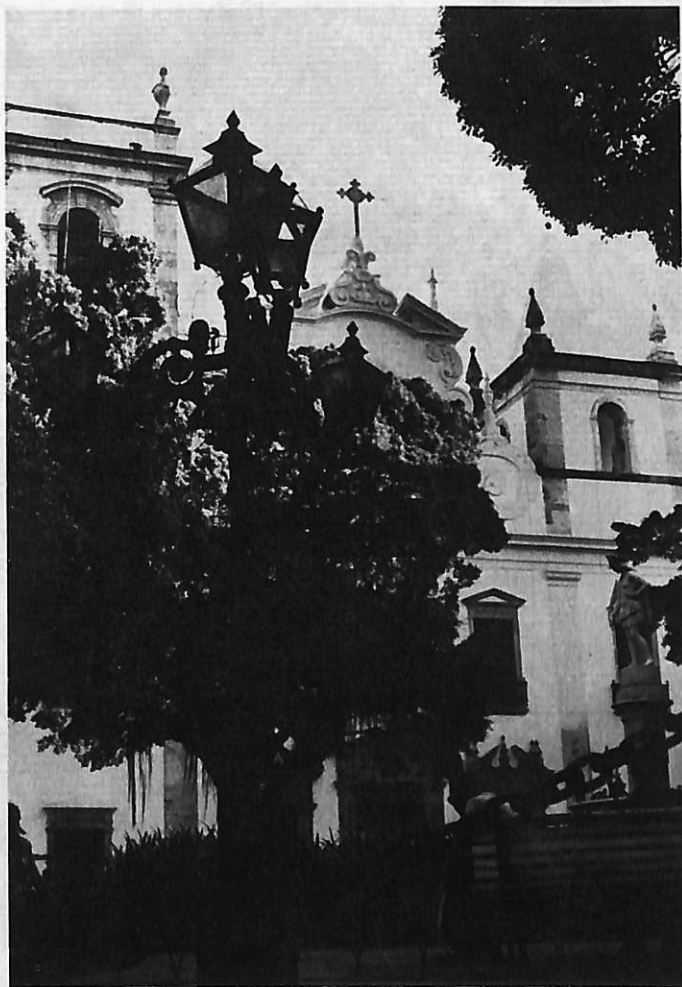
Situado na mais alta torre da Igreja do Divino Espírito Santo, hoje monumento inscrito nos livros de tombo da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, consistia de um mastro, com uma verga cruzada, em que subiam coloridas bandeiras, avisando a população da aproximação de navios — a princípio, lentos veleiros, bordejando, às vezes, para alcançar a Barra Grande; outras vezes paquetes e cargueiros, vindo do Norte, do Sul, da Europa, dos Estados Unidos e, mesmo, mais de longe — dos mares da China.

As bandeiras subiam e iam, à proporção que os navios se aproximavam, dando maiores detalhes: navio à vista, paquete, inglês, Mala Real, **Orânia**, etc.

Esse Telégrafo Ótico, de saudosa memória para os amigos do velho Recife, era uma das atrações daquele templo. Muita gente subia os íngremes degraus que davam acesso à torre da Igreja, para contemplar a cidade, do alto — o mar, as colinas do Cabo de Santo Agostinho, ao Sul, Olinda, ao Norte, usando o possante óculo-de-alcance, de que se serviam os encarregados do Telégrafo Ótico, em suas tarefas de vigias do mar.

Naquele tempo, a cidade voltava-se para o mar: dali vinham as mercadorias, os alimentos, os jornais e os livros.

Essa Igreja do Divino Espírito Santo é um dos tem-



FACHADA PRINCIPAL

plos de mais movimentada história, entre as suas congêneres na cidade do Recife.

Ali existiu um templo calvinista, construído pelos franceses em 1642. Em abril de 1655, uma Ordem Régia de D. João IV, concedia licença aos padres jesuítas para fundarem um colégio na povoação do Recife. Os jesuítas construíram o seu colégio e a Igreja, no mesmo local do templo francês, dotando-a de imagens e alfaías, que enriqueceram o ambiente, tornando-o um dos mais belos do antigo núcleo urbano.

Retirados os jesuítas, a Igreja foi entregue à Irmandade de São João Batista dos Militares, que inepta e descuidada, deixou a Igreja cair em novo abandono.

Deram-lhe, posteriormente, os mais diversos usos: foi casa de Vacina, escola pública, sede de representações teatrais, ali funcionando, até 1855, o Tribunal da Relação.

Conta Charles Waterton, que visitou o Recife no princípio do século XIX, que à Igreja do Divino Espírito Santo, era recolhido, todas as noites, o elefante de um pri-

Ar. 374022
Ex. 1 8550291



FACHADA PRINCIPAL

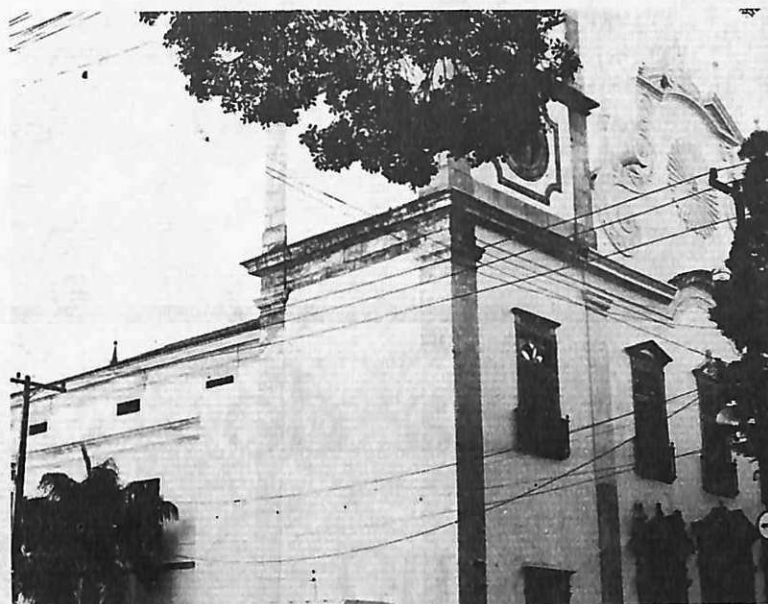
mitivo circo, armado na cidade. Diz o viajante:

“A mão arbitrária do poder em uma noite destruiu e expulsou a ciência, a que sucederam as baixas chocarrices vulgares de um saltimbanco. Virgílio e Cícero cederam lugar a um animal selvagem de Angola e agora guarda a mesma porta onde outrora os pobres eram diariamente alimentados”.

Reconciliada, foi novamente sagrada pelo Bispo D. João da Purificação Marques Perdigão, em 8 de setembro de 1855.

A Igreja do Divino Espírito Santo, cujo projeto, tudo indica, é da autoria de Antônio Fernandes de Matos, localiza-se na área urbana do Recife, no movimentado bairro de Santo Antônio, sede de estabelecimentos bancários e do mais denso comércio da cidade. Está em frente da Praça Dezessete, que fica bem perto das margens dos rios Capibaribe e Beberibe, que, juntos, descem em direção ao mar. Próximo do antigo cais do Colégio, onde desembarcou o Imperador D. Pedro II, em sua viagem a Pernambuco.

A sua construção deve-se em grande parte, às valiosas



FACHADA LATERAL

contribuições em dinheiro, do próprio autor do projeto, de Domingo Pereira Baracho e outros.

A Igreja, desde muito tempo vinha progressivamente se deteriorando, ocorrendo, até, o desabamento do telhado e do forro da nave. Tombado o templo, resolveu a Fundação Nacional Pró-Memória encetar, através da 4ª. Representação Regional, com sede no Recife, amplas obras de total restauração, trabalhos que acabam de ser encerrados, com a reposição do templo em sua antiga ambiência, que comunica aos visitantes, uma profunda impressão de grandeza, sobretudo pela amplitude de sua Nave.

Foram estudadas minúcias, apreciados, detalhada e cuidadosamente, soluções para graves problemas que ocorreram no decurso das obras de restauro.

Os trabalhos se desdobram tanto no interior do templo como no seu exterior, reposto em sua antiga dignidade.

As obras constaram, sobretudo, de construção de uma estrutura em concreto armado para cobertura da Nave, com o respectivo entelhamento; reconstrução do coro, em lajes de concreto armado; restabelecimento do aspecto das ilhargas da nave, ao gosto jesuítico do século XVII, construindo-se a cornija intermediária; construção da co-

bertura e do piso lateral, (lado do evangelho), em concreto armado; renovação do revestimento interno e externo do templo; remoção da pintura branca, nos elementos de madeira, dos altares laterais, colaterais e do Altar Mór; implantação de nova instalação elétrica; fixação dos ornatos decorativos, que ornaram a Capela Mór; revisão da estrutura em madeira do Consistório, Galerias, introduzindo-se elementos de ferro estruturais, de fixação; reassentamento de pintura do forro do Consistório; aplicação de novo forro liso, de cedro, na Sacristia; pintura geral dos vãos, paredes internas e externas; conserto nas escadas de acesso à torre; reparo dos sinos; conserto do lanternim da Capela Mór; reparo geral das esquadrias e assentamento de novos vidros; conserto dos gradis de ferro de proteção aos vãos das janelas; limpeza do piso da Nave e Capela Mór, com lixadeira mecânica.

As obras, realizadas por etapas, no decorrer de sete anos, atingiram o total de vinte e sete milhões, seiscentos e noventa e oito mil, oitocentos e dez cruzeiros.

A Igreja do Divino Espírito Santo foi inscrita nos Livros de Tombo em 7 de dezembro de 1972, Livro de História, Processo 566-T, Inscrição número 43-A.

As obras foram iniciadas em 1975 e terminaram em 1982.